



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap.11

Aaron Fischer



CAPÍTULO 11

OLHOS

Aaron sempre acordava cedo para ajudar seu pai e, mesmo quando não precisava fazê-lo, despertava naturalmente. Quando se levantou, o Sol começava a subir no horizonte e o navio balançava um pouco, o que só podia significar que eles deviam ter saído do rio para o mar.

Gent estava dormindo sonoramente em sua cama, então ele decidiu tomar um banho e ir até o deck para ver o mar que ele tanto gostava e pensar um pouco em tudo que estava acontecendo. Os corredores do navio ainda estavam vazios, a não ser por uma ou outra pessoa e pelos funcionários da escola. Aaron estava se sentindo animado. A possibilidade de encontrar o Exército Negro o entusiasmava, talvez conhecer sua mãe.

Isso deixava-o ansioso para o início da Prova dos Elementos e apesar de saber que a chance de o Exército Negro realmente tentar alguma coisa durante o teste era perto de zero, ele se sentia culpado, pois começara a realmente gostar dos amigos que tinha feito.

Tudo aquilo passava pela sua cabeça enquanto ele andava pelos sonolentos corredores do navio até finalmente chegar ao terraço. O deck parecia muito com uma praça, com jardins no meio e nas beiradas e bancos espalhados pelo lugar. No final dele, ficava um galpão grande com uma placa escrito “Arsenal” e um espaço com vários objetos para treino e teste de armas.

Aaron sentou-se em um dos jardins de beirada, escondido por algumas

árvores, com as pernas balançando para fora do navio, apreciando o modo como a embarcação deslizava bem por sobre as ondas e como o vento nunca parava de empurrar as imensas velas. Aquelas imagens lhe traziam as memórias felizes da Vila do Arpão, seu pai, seus amigos, e o faziam se martirizar, afinal de contas, estivera tão decidido sobre a sua vingança, vira as pessoas que mais gostara na vida serem assassinadas por elementais, por soldados do Exército Imperial, e agora era amigo de Aurea e de Gent, e não podia negar que sentia admiração por Balor. E ele mesmo era um elemental e por mais que tentasse se enganar, gostava de ser um elemental. O pior de tudo, Sarah morrera há tão pouco tempo, e ele era tão apaixonado, mas por mais que suprimisse, os seus sentimentos por Aurea o perseguiram.

Com aquele balanço tranquilo e o Sol em sua pele, era só fechar os olhos que ficava fácil imaginar que estava no barco do seu pai, indo para mais uma pescaria. Aaron sempre reclamara daquela vida e sempre dissera que queria algo mais mas agora que estava no caminho para conseguir o que queria, sentia saudade dos finais de semana de pescaria e, principalmente, do seu pai.

Quando o garoto deu por si, haviam se passado horas e o deck já estava começando a ficar agitado e barulhento. Ele abriu os olhos e começou a se levantar para ir ao encontro dos seus amigos no refeitório, quando percebeu um garoto alguns jardins depois, apoiado em uma árvore e olhando para ele. O rapaz tinha o cabelo preto penteado para trás e um rosto anguloso que, por algum motivo, lhe era familiar. Ele estava vestindo uma camisa social preta de tecido leve e uma calça jeans velha, de cada lado do seu cinto ele trazia uma pistola prateada. Tinha um olhar penetrante e seus olhos eram tão

negros que sugavam e distorciam a luz ao seu redor. Estranhamente, ele não emitia nenhum tipo de energia, como se não passasse de uma pedra.

O garoto acenou para ele com a cabeça, o que fez Aaron parar por um segundo com uma sensação estranha percorrendo seu corpo. Ele acenou de volta e partiu para encontrar seus amigos com a imagem daqueles olhos sinistros em sua mente.

Os outros já estavam comendo e conversavam animadamente sobre os planos para aquele dia de véspera de prova. Fora dado um aviso que as salas de treinamento seriam disponibilizadas para as equipes, as quais deveriam reservar um horário com os alunos-oficiais no anfiteatro. Era sobre isso que conversavam quando Aaron sentou-se à mesa com um enorme prato de comida.

– Bom dia amigos, qual é a boa de hoje?

– Bom dia – Gent estava caindo com a cara no seu prato de tanto sono.

– Bom dia, Aaron – Kvin estava desperta e se divertia com as pescadas de Gent.

– Bom dia! A boa de hoje é treinar! – Aurea estava animada e seus olhos dourados brilhavam junto com seu sorriso, o que fez o garoto perder o seu raciocínio por um segundo.

– Boa ideia. Ouvi que precisamos reservar um horário para poder usar as salas de treinamento. – Aaron falou, se refreando para não colocar a comida na boca e falar de boca cheia.

– Eu e Kvin já reservamos por duas horas, às quatro da tarde.

– Providencial. Vou usar o tempo até lá para fazer uma visita ao arsenal do navio e escolher uma boa arma. Você não quer vir comigo, Gent? Poderia me dar uma ajuda na escolha – Gent emitiu um barulho que parecia ser de concordância.

– Você vai levar esse tempo todo para escolher uma arma? – A filha do general sorria.

– Provavelmente não...

– De qualquer jeito, eu estava pensando que depois do treinamento podíamos nos encontrar no deck para conversarmos besteira e nos distrairmos. Vou levar o violão, o que você acha? – Aurea parecia animada para o momento de descontração.

– Por mim está marcado. – Aaron falou entusiasmado.

– Ótimo. Kvin e Gent também gostaram da ideia. Pelo menos eu acho que foi isso que o grunhido dele quis dizer.

Gent já estava mais acordado quando chegaram ao arsenal, onde pequenas filas de concorrentes esperavam ser atendidos pelos alunos-oficiais. A dupla passara no quarto antes de irem para lá para Aaron pegar sua lança pois queria sentir como seria segurar as duas armas ao mesmo tempo e como posicionar suas bainhas de modo que ficasse confortável carregá-las.

Os dois entraram em uma delas e esperaram enquanto Gent falava sobre todos os tipos e variações de armas existentes e Aaron dava sua opinião sobre cada um, até finalmente serem atendidos pelo mesmo aluno-oficial de *black power* e fita no cabelo que os recebera no dia anterior, mantendo sua tranquilidade e simpatia:

- E aí, rapazes, conseguiram achar um bom quarto?
- Enfrentamos alguns probleminhas, mas conseguimos sim. – Aaron olhava ao redor ansioso para ver as armas.
- Que bom! Então, o que vocês estão procurando?
- Eu estava pensando em um machado.
- Um machado? – Gent pareceu achar estranho o pedido de Aaron.
- Eu já tenho a lança, preciso de algo que me permita lutar em espaços fechados ou com a circulação limitada, como uma floresta.
- Eu sei, mas porque não uma espada?
- Preciso de algo com mais potencial de dano, aproveitar melhor minha força e minha agilidade. Além do mais, espadas são muito comuns, todos treinam para lutar contra uma espada, mas a maioria não sabe lidar com um machado, e o machado ainda tem o fator intimidador.
- Faz sentido... – Gent concedeu a argumentação de Aaron, um pouco a contragosto.
- Espadas são sempre a melhor opção, mas se você quer um machado... Tem alguma preferência quanto a peso e material? – Thierry falou entre a brincadeira e a seriedade, entrando na conversa de Gent e Aaron.
- O peso não importa muito, mas o material tem que ser extremamente resistente. – Aaron pensou antes de responder, sua força permitia que ele manuseasse objetos pesados como se fossem uma pena, no entanto, aquela mesma força exigia uma resistência redobrada da

sua arma.

– E você?

– Não estou precisando de nada, vim para dar pitaco. – Gent riu.

– Tudo bem! – Ele pensou durante algum tempo, até que pareceu se lembrar de algo - Acho que tem algumas coisas que podem te agradar. Venham aqui!

O arsenal parecia maior do lado de dentro do que do lado de fora, com uma quantidade enorme de corredores formados por prateleiras de madeira que ocupavam toda extensão do lugar. Diferentemente do resto do navio, as prateleiras não pareciam ter sido esculpidas do casco, eram moveis e se podia ver facilmente o espaço entre elas e o chão, a iluminação do lugar não era muito boa, o deixando em uma penumbra permanente e dando um ar de leve abandono ao local.

O arsenal era como um grande supermercado, no entanto, ao invés de comidas e produtos de limpeza, era abastecido com os mais variados tipos de armas; ao invés de corredores de laticínios, pescados, entre outros, os corredores e setores eram divididos pelas armas. Corredores inteiros só de facas, lanças, espadas, martelos de guerra e quase todos os tipos existentes de armas brancas.

Thierry parecia saber se movimentar muito bem pelo lugar, os guiando até um dos corredores em que havia escrito “Machados e Martelos”.

– Você disse que queria um machado para lutar em locais com menos espaço, correto? – Thierry falava enquanto procurava em meio as estantes do corredor.

– Correto!

– Você se importa se eu der uma olhada na sua lança, já que pretende carregar as duas ao mesmo tempo?

– Claro que não, a trouxe justamente porque achei que seria útil.
– Aaron tirou a lança da sua bainha de couro, revelando toda sua extensão ameaçadora. Ele sabia que o seu peso era enorme mas, para ele, parecia ser o ideal. Entregou-a a Thierry com um sorriso orgulhoso no rosto.

O peso da arma pegou o aluno-oficial desprevenido, a deixou cair, olhando impressionado para Aaron. Ele a manuseou com bastante esforço, a entregando de volta a seu dono, antes de falar com seu jeito descontraído:

– Cara, você deve ser bem forte. Se você for aprovado, tem que vir jogar no meu time de Fissureball na escola. – Thierry voltou a andar, levando-os por mais alguns corredores, parecendo esquecer completamente sobre o que eles tinham ido fazer ali. Focado em convencer Aaron a entrar no seu time caso ele fosse aprovado. – Nós não fomos bem temporada passada mas esse ano já conseguimos alguns jogadores novos e você seria um belo reforço.

– Você joga em que time? – Gent perguntou antes que Aaron pudesse responder.

Thierry olhou para ele por um segundo, antes de responder:

– Eu jogo no Taur Emperors’... – Thierry finalmente pareceu ligar a pessoa a criatura. –... Seu pai é dono do Marabor Firehorses não é?

Gent ficou um pouco encabulado ao ser ligado à sua fortuna mas

respondeu sem hesitar:

— É sim..., mas isso não vem ao caso, os Emperors' ficaram em penúltimo lugar na liga da escola, vocês foram o pior time do Império de Taur na liga!

— Eu sei, eu sei, mas eu estou dizendo a vocês, esse ano as coisas vão ser diferentes, nós vamos destronar os Taur Destroyers e os Gigantes de Graval.

— Os times são formados pelos alunos dos mesmos impérios e reinos? – Aaron estava um pouco perdido e, para variar, Gent foi a seu socorro para tirar suas dúvidas.

— Exatamente, cada império tem cinco times e cada reino tem dois times na liga da escola. É uma liga muito concorrida, muitos vão direto de lá para o profissional, e o time do Thierry foi o pior time do Império na temporada passada e o penúltimo na classificação geral. O Taur Destroyers é o melhor time do Império a nível escolar faz muito tempo, assim como os Gigantes são o melhor time do Império de Graval e nos últimos dez anos os dois têm dominado o torneio, com cinco títulos para cada lado. Se você for bem na prova dos elementos provavelmente olheiros virão falar com você, para se juntar a um bom time, sabe?

— Entendi... – Aaron parecia animado com a possibilidade de jogar Fissureball na escola. O jogo o encantara de uma forma diferente. – Vamos fazer o seguinte Thierry, se você me arrumar um machado que realmente me encante, eu dou minha palavra, que caso eu seja aprovado, eu serei um jogador dos Emperors', o que acha?

— Fechado!!! – Thierry se animou, apressando seu passo, enquanto

Gent balançava a cabeça ao seu lado, como se não acreditasse na burrada que Aaron havia feito. – Já tenho algumas opções na cabeça e tenho certeza de que uma delas vai te agradar!

Thierry parou em uma estante logo a frente, retirando uma machadinha curta e simples, com o cabo de madeira reto e uma lâmina feita de um ferro rústico, amarrada ao cabo por dois cipós. A arma não parecia das mais resistentes, na verdade, mais se assemelhava a alguma antiguidade. O aluno-oficial viu os rostos pouco impressionados de Aaron e Gent e sorriu:

– Eu sei, eu sei, não parece muito, mas ela é extremamente resistente e bem feita, é uma das peças mais antigas aqui do arsenal. Você pode usá-la como uma machadinha normal ou dessa maneira. – Ele destravou algo na lâmina, que caiu pendurada pelos cipós que a prendiam, com um movimento rápido, a lâmina voou até um alvo de teste, esticando o cipó de maneira mágica, como se fosse um chicote.

– Certo, uma machadinha que vira um chicote... a ideia é muito legal, mas acho que não é para mim.

Gent apenas concordou com ele com um movimento de cabeça e um olhar de reprovação para a arma na mão de Thierry.

– Sem problemas, sem problemas. Mas podemos continuar com a ideia da machadinha? Acho que seria o ideal para você, que já carrega essa lança por aí. Um machado normal de batalha seria pesado demais e por mais força que você tenha, as duas armas somadas poderiam ser muito para você ficar carregando por um longo período. Além do mais, não é a melhor arma para ambientes fechados.

– Ele tem razão. – Gent falou, ainda olhando ceticamente para a machadinha/chicote na mão de Thierry.

– Vamos de machadinha então! – Aaron respondeu animado.

– Beleza! – Thierry devolveu a arma para a estante e voltou a andar, até parar novamente duas estantes depois. – O que acha desta aqui?

Ele tirou uma nova machadinha, com o cabo de madeira curvado na direção da lâmina de aço bem trabalhada, com desenhos bem feitos. A lâmina em si começava com apenas três dedos de largura, ganhando mais dois dedos quando chegava ao fio. A arma era bem mais bonita do que a que Thierry havia mostrado anteriormente, seu design era encantador, mas ela mais parecia uma arma ritualística do que uma arma de combate de verdade. Aaron sabia que ela não duraria muito em suas mãos.

– Ela tem algum truque especial como a outra? – Gent perguntou enquanto Aaron analisava a arma em suas mãos.

– Tem sim! A lâmina esquenta quanto mais você a usa, as runas dela usam a energia cinética da batalha e a transformam em energia térmica. No final de uma boa luta ela pode derreter uma armadura como se fosse manteiga.

– Os designs dessas armas são interessantes mas é como se a pessoa só os tivesse pensado até a metade. – Gent tinha seu olhar crítico voltado para a machadinha nas mãos de Aaron.

– Ela parece muito frágil, sabe? Passa a sensação de que enquanto ela não esquentar eu não conseguiria atravessar nem um galho de madeira.

– Certo, certo. Público exigente... eu tenho algo aqui que acho que vai agradar desta vez!

Eles foram para o corredor oposto onde Thierry precisou usar uma escada para alcançar uma terceira machadinha, no topo da estante. Esta, tinha um cabo de madeira robusta e entroncada, quase como um galho reto, com uma curvatura no sentido da lâmina na ponta. A lâmina côncava de oito dedos de largura era feita de um aço mais escuro e bem polido com um buraco circular, exatamente onde a lâmina encontrava o cabo, varando a arma de um lado a outro. Dentro dele, duas pedras roxas flutuavam, contidas magicamente naquele espaço.

A arma agradou a Aaron instantaneamente, que a pegou nas mãos. Talvez o cabo fosse um pouco mais grosso do que devia, mas de resto ela lhe parecia ideal, era mais pesada do que as outras mas muito longe do que pesava sua lança, o tamanho permitia que ele a utilizasse em qualquer lugar e a ponta de aço de cerca de oito centímetros na parte contrária à lâmina, permitia que ele perfurasse as superfícies mais resistentes, caso precisasse.

– Para que servem estas rochas? – Aaron apontou para as pedras roxas.

– Gostou desta né?! – Thierry estava animado. – Simples, você pega uma delas e arremessa a machadinha. – Ele a arremessou contra o chão, a fincando a alguns metros de distância. – Aí basta você energizar um pouco a pedra que ficou com você, como se fosse uma rocha de iluminação, que a machadinha volta! – A arma se balançou um pouco e voltou girando para Thierry, que a pegou com habilidade.

– Ela parece um pouco perigosa. – Mesmo criticando, Gent parecia

mais satisfeito com aquela arma do que com as outras.

– Ela não é para iniciantes, mas basta você ter um pouco de reflexo!

– Eu gostei demais! – Aaron a pegou de volta das mãos de Thierry, imaginando as possibilidades de uso da arma.

– Bastante engenhoso, as pedras se atraem correto?

– Isso!

– Mas você precisa ficar carregando a pedra na mão mesmo? Pode ser um pouco incômodo...

– Quase ia esquecendo! – Thierry voltou a subir na escada, descendo com uma pulseira de couro, feita de tiras entrelaçadas. Ele pegou a pedra que ainda estava em sua mão e fez uma das tiras passarem pelo pequeno furo que existia na ponta da pedra. – Pronto, você usando essa pulseira não precisa ficar com a pedra na mão!

Aaron pegou a pulseira, a vestindo. Era simples, mas bonita, do jeito que ele gostava, a pedra combinava com o couro escuro, quase preto.

– E aí, bem-vindo ao Taur Emperors'? – Thierry sorriu para ele, com a mão esticada!

Aaron também abriu um sorriso e apertou sua mão. Ele gostava daquele cara, sentia uma coisa boa vindo dele!

– Eu tenho que passar na Prova dos Elementos primeiro, mas se eu passar, pode contar comigo!

– Boa, pode ter certeza de que estarei na torcida! Agora vamos na recepção para eu poder registrar o que você pegou e liberá-los. –

Ele os levou novamente para o lugar por onde haviam entrado e de lá para um balcão mais afastado, onde pegou um papel e começou a anotar algumas coisas:

– Nome completo e residência?

– Aaron Fischer, no momento eu não tenho residência...

– Sem problemas - ele escreveu mais algumas coisas, até que parou e voltou a olhar para eles – você sabe como funciona a política de empréstimo de armas da escola?

– Não.

– É bem simples: se você for aprovado, as armas que tenha pegado no arsenal do navio são suas até morrer. Quando você morrer, elas voltam para a escola, ou seja, seus filhos não as herdam. E, caso não seja aprovado, você também tem que devolver.

– E se eu as perder durante a prova?

– Se elas forem encontradas e você aprovado, elas são devolvidas a você.

Aaron olhou para a machadinha e pensou:

– Mais um estímulo para ser aprovado nesta maldita prova.

– Pois é. Ah sim, eu quase ia esquecendo de lhe dar a bainha dela!
– Ele correu até uma sala que ficava atrás do balcão e algum tempo depois voltou de lá com uma bainha pequena, feita do mesmo couro da pulseira que agora estava no seu pulso. – Agora sim. Pronto, está feito! Se quiser, na bainha, tem um espaço para você guardar a pulseira. – Ele mostrou um pequeno gancho de metal, na lateral

direita. - Boa sorte na prova de amanhã... Não sejam mortos!

Aaron e Gent agradeceram a ajuda e partiram para o quarto. Eles ainda tinham algumas horas antes de irem ao encontro das meninas. Aaron estava encucado com uma coisa, então decidiu perguntar a Gent.

— Eu queria ter te perguntado lá no arsenal, mas não achei que seria um bom lugar, pois poderia levantar suspeitas. Quando eu usei a adaga do meu pai, não senti nada demais nela, era como se fosse uma adaga qualquer, no entanto, ele a usou e sua força e agilidade cresceram de uma forma inimaginável, eu vi com meus próprios olhos. E agora, no arsenal, eu consegui usar a habilidade especial da machadinha sem nenhuma dificuldade, você sabe por quê?

Gent tirou os olhos do livro que lia, se sentando na cama para respondê-lo:

— De vez em quando eu esqueço que você foi criado como um comum. Você não está familiarizado com as categorias de objetos, está?

— Você sabe que não! - Aaron podia sentir a animação de Gent, em poder lhe explicar aquilo, ele nascera para ser um professor, era incrível!

— Então vamos lá! - Ele veio até a borda da cama, se sentando de frente para Aaron, um sorriso entusiasmado no rosto. - Vamos enumerá-los de 1 a 5:

— 1. Objetos Comuns feitos de materiais comuns, sem nenhuma propriedade especial... sua camisa por exemplo é um objeto de categoria 1.

– Desnecessário utilizar minha camisa como exemplo, mas entendi!
– Aaron fez cara de ofendido, rindo um pouco.

– É porque ela realmente está chamando a atenção! – Gent devolveu a piada e continuou.

– 2. Objetos Rúnicos, que são objetos feitos de materiais comuns. Neles são empregadas as runas para lhes dar utilidades especiais, uma rocha de iluminação e a machadinha que você acabou de pegar se encaixam como objetos de categoria 2. As funções e comandos são diretos, assim como as runas: iluminar, atrair e assim por diante, não influenciando no corpo de quem os utiliza, então basta uma infusão de Själ direta para fazê-los funcionar.

– Certo, entendi... – Aaron tinha que admitir que Gent tinha um didática excelente.

– A runetec eu considero um tipo especial de Objeto Rúnico, então também se encaixa na categoria 2, apesar de ter algumas características de categoria 4.

Gent continuou:

– 3. Objetos Elementais, esses objetos são feitos com material rúnico, mágico ou como você queira chamar, que tem suas próprias características especiais em si mesmos, não dependendo da infusão de Själ para serem “extraordinários”. Um exemplo é a sua lança, que possui uma resistência e peso fisicamente impossíveis para o seu tamanho, mas isso advém do material que foi utilizado para forjá-la, entendeu?

– Entendi! E a adaga do meu pai? – Aaron estava ansioso e animado, ele não sabia o porquê.

– A adaga do seu pai, se encaixa exatamente na categoria 4, que é basicamente uma união entre as categorias 2 e 3.

Gent continuou com sua aula:

– 4. Objetos Míticos, são feitos de materiais especiais, rúnicos assim como os Objetos Elementais de categoria 3 e possuem comandos rúnicos extremamente complicados e sofisticados, muito além dos de categoria 2, que influenciam o corpo do usuário, e aí entra a adaga do seu pai. A grande diferença dos Objetos Míticos é a habilidade de influenciar o corpo de quem os manuseia, podendo lhes dar grandes poderes. No entanto, você precisa dar “autorização” a este objeto, por isso você não sentiu nada quando usou a adaga do seu pai. Isso acontece pois a utilização desses poderes vem a um custo altíssimo, já que esse objeto se apoderará de todo o Själ do seu usuário e o alterará para poder lhe proporcionar esses novos poderes. Devido à maneira que o Själ funciona, em que é basicamente impossível ter dois Själs diferentes no mesmo corpo, você ficará sem acesso ao seu Själ “original”, ou seja, você ficará sem acesso ao seu poder natural se você for um elemental, até que tenha consumido todo o Själ alterado pelo Objeto Mítico.

– Como assim uma autorização? – Aaron ficou confuso por um instante.

– Não é uma autorização como se fosse um contrato, mas o objeto puxará seu Själ e o devolverá alterado. A reação natural do corpo de um elemental é “bloquear” qualquer Själ estranho então você precisa aprender a dominar seu Själ de modo a permitir a entrada do Själ alterado pela arma, algo que parece simples mas é bem complicado. Eu mesmo não sei fazer direito e acredito que Aurea também não.

- Então até comuns podem utilizar os objetos de categoria 4?
- Em teoria, até um animal irracional conseguiria usar Objetos Míticos já que o Själ está em todas as coisas vivas e você não precisa ter controle sobre o seu fluxo de Själ para utilizá-los se você é um comum.
- Não entendi, você não acabou de dizer que é preciso uma “autorização”?
- Se você for um elemental sim, mas se você é um comum não. O corpo deles não tem esse mecanismo de defesa de bloquear Själs estranhos automaticamente... – Gent parou, para tomar ar e continuou. –... O processo é inverso, o objeto é quem se apodera do seu Själ, é quase uma relação parasita... –Ele parou novamente por um tempo, pensando, como se analisasse suas palavras –... Eu não gosto de usar esta palavra, mas é a que melhor define a relação entre um Objeto Mítico e o seu usuário. Por isso também, esses objetos são completamente execrados pela Santa Igreja e pelo Exército Imperial, já que podem deixar um comum em pé de igualdade, ou até em superioridade a um elemental.
- Eu tinha uma ideia diferente sobre o Själ, não pensei que comuns fossem capazes de utilizar objetos assim... – Aaron amava conhecer mais sobre aquele mundo.
- Eles podem sim, a maioria dos comuns não conseguiria utilizar o mesmo objeto com o mesmo potencial que um elemental conseguiria, já que, em geral, possuem uma quantidade bem menor de Själ e não sabem muito bem o que está acontecendo, mas, por exemplo, eu tenho tanto Själ quanto a média dos comuns. – Gent deu de ombros, como se a quantidade de Själ não fosse algo tão importante.

— Fascinante... – Aquilo abria margem para várias coisas, inclusive formar um pequeno exército de comuns, portando armas míticas, mas Aaron não externou aqueles pensamentos. –... e a categoria 5?

— Sim, a categoria mais poderosa e rara de todas: 5. Objetos Divinos, são objetos que um dia, já foram Objetos Míticos, utilizados ao longo das eras, consumindo tanto Själ, que se tornaram autossuficientes, possuindo seu próprio Själ. Eles não dependem de fatores externos. Você poderia dizer que esses objetos são basicamente entidades, com vida própria, podem conceder os seus poderes a quem os utiliza sem tomar o seu Själ, ou se negar a concedê-los, por mais que a pessoa tente. São tão raros e poderosos, que não se tem a localização de mais de cinco em todo o Império.

— Então a pessoa pode utilizar o Objeto Divino e o seu poder ao mesmo tempo sem problemas?

— Exatamente... a espada do marechal Yunt Kruk é uma Arma Divina, que pertence a família Kruk a incontáveis gerações, por exemplo.

Como sempre, nem tudo eram flores, mas Aaron apenas concordou com a cabeça, digerindo toda aquela informação.

A conversa continuou por mais algum tempo, até eles decidirem que era melhor descansarem um pouco antes do treinamento com as meninas.

DUAS SEMPRE SÃO MELHORES QUE UM

O salão de treinamento do navio ocupava um andar inteiro e era cortado por um corredor que dava acesso a uma enorme quantidade de salas menores, nas quais os competidores podiam usar seus poderes livremente.

Porém, antes de ter acesso ao corredor e às salas, o competidor ou aluno deveria passar pela recepção, uma sala com várias cadeiras, puffs e bancos espalhados ao redor de um grande balcão, onde dois alunos oficiais conferiam os horários que cada grupo havia reservado.

Apesar do lugar estar lotado, as filas andavam rápido e logo Aaron e seu grupo foram atendidos e mandados para sala de número quarenta e oito, onde discutiam a melhor forma de treinar:

— Acho que podemos fazer um dois contra dois e irmos revezando, meia hora para cada dupla. Assim, treinamos um pouco o trabalho em equipe e descobrimos um pouco mais sobre o poder de todos nós. – Gent, como sempre, estava dando ideias.

— Eu também havia pensado nisso. O que vocês acham? – Aurea estava séria.

Aaron deu uma risada e respondeu:

— Por mim tudo bem. Irei ter três oportunidades para derrotar cada um de vocês!

Foi a vez de Aurea rir:

– Vai sonhando!

Kvin que estava se divertindo com a rivalidade entre os dois resolveu falar:

– O que vocês acham de homens contra mulheres então, para começar? – Ela tinha uma sobrancelha levantada em tom de ironia.

– Por mim, tudo bem! – Aaron tinha um sorriso confiante no rosto.

– Vamos! – Gent tirou a Gota do bolso, junto com sua esfera tecnológica, e Kvin falou ironicamente mais uma vez:

– Pensei que não iríamos usar armas. – O frio que a garota de gelo emanava começou a aumentar a medida em que ela ia falando.

Gent deu uma risada desconcertada e falou:

– Deem um desconto, não tenho nenhum poder de combate monstruoso feito vocês!

– Fica tranquilo, eu estou brincando. Com ou sem a Gota, vocês vão perder! – ela deu um tapa forte no ombro do garoto e se posicionou ao lado de Aurea, no outro oposto da sala!

– Isso é o que nós vamos ver! – Gent rapidamente desfez a esfera e a Gota em vários pedaços metálicos que ficaram flutuando no ar e os rearmou em dois objetos mais ou menos cilíndricos com duas pontas em cada.

Os olhos de Aurea brilhavam dourados quando ela falou:

– Vamos começar. Só paramos quando uma das duplas desistir ou quando o tempo acabar. Claro que não é para bater com intenção

de machucar de verdade. – Quando ela acabou de falar, formou os campos de força concentrados ao redor das suas mãos e pulou em direção a Aaron enquanto a temperatura da sala começava a cair drasticamente e a pele de Kvin a ser coberta, em algumas partes, por uma fina camada de gelo branco.

Aaron não deixou ser pego de surpresa e usou a sua velocidade para atacar Aurea antes que ela o atacasse, mas ela conjurou, com seu poder, uma barreira praticamente invisível em seu caminho, que o mandou de volta com o nariz sangrando:

– Os homens não cansam de cair nessa!

Aaron se levantou a tempo de desviar do murro de Aurea, que acertou a parede.

– Se é assim que você quer lutar... – Aaron aumentou sua velocidade e começou desferir golpes em rápida sucessão, que eram defendidos na última hora pelas barreiras de energia da sua adversária, a fazendo recuar a cada golpe.

– Agora! – Kvin havia gritado do outro lado da sala.

Aurea deu um pulo para perto da sua parceira, que estava com dois bastões de gelo nas mãos, ao lado de um Gent desacordado.

Quando a filha do general parou do seu lado, a nova integrante do grupo criou uma barreira de gelo separando a sala e deixando apenas uma pequena quina para Aaron.

Ele sabia que havia caído em uma armadilha, só não sabia qual. Mas, antes que conseguisse decidir o que fazer, a parede foi estilhaçada por inteiro por uma energia dourada, lançando os seus pedaços com

força contra Aaron.

O garoto foi pego de surpresa e, quando percebeu a estratégia das suas adversárias, já era tarde demais. Os pedaços de gelo estavam muito próximos e ele só conseguiu colocar os braços na frente do corpo antes de ser atingido por um bloco grande que o mandou voando de encontro à parede de madeira atrás dele, fazendo o ar fugir de seus pulmões.

Quando Aaron conseguiu recuperar o fôlego para olhar para cima, Aurea e Kvin estavam em pé na sua frente com um sorriso debochado:

— Ok, eu desisto. – Aaron não estava irritado, aquilo fora incrível! – Isso não é justo, vocês combinaram antes!

Elas deram uma risada e Kvin falou – Isso se chama trabalho em equipe, e nós viemos treinar justamente isso, não adianta chorar!

Aaron riu um pouco e falou:

— Terá volta. E Gent, como é que ele está?

— Está tudo bem, eu só o coloquei para dormir.

Aurea o ajudou a levantar e foram todos falar com Gent, que já estava meio acordado. Depois da fácil vitória que as duas haviam conseguido, eles decidiram mudar o treinamento que iriam fazer. Ao invés de realizarem lutas em dupla, eles sentariam e tentariam desenvolver jeitos deles usarem seus poderes de forma conjunta, e depois os exercitariam para ver se realmente era uma boa ideia ou não. As duas horas de treinamento passaram rápido, mas deram algum resultado e o grupo conseguiu desenvolver bons jeitos de usar os seus poderes de forma conjunta.

Os quatro vinham conversando animadamente sobre o treinamento no grande corredor em direção à recepção, quando alguém vindo na direção contrária esbarrou em Aurea, a fazendo gritar de dor.

Aaron e os outros ficaram sem entender o que acontecera, até que o garoto olhou para eles com olhos lilases e falou:

— Vocês, amantes de comuns, torçam para não me encontrarem nessa prova porque eu vou fazer vocês sentirem uma dor maior do que qualquer coisa que já sentiram na vida.

Aaron o reconheceu, era o filho do arcebispo Gruso, que os havia abordado no estádio do Marabor Firehorses. Ele olhou especialmente para Aurea e Gent e falou:

— Especialmente os dois. Irão pagar pelos pecados dos seus pais... — Ele se virou e continuou a andar, seguido por seu grupo, deixando os garotos confusos, tentando falar algo em troca, mas sem conseguir entender direito o que estava acontecendo.

Quando chegaram à recepção, Aaron estava furioso por não ter dado uma resposta à altura e mais furioso ainda por ele ter machucado Aurea, apesar de ele ainda não entender como o filho do arcebispo havia feito aquilo. Todos os outros estavam extremamente irritados também, até Kvin, que estava sempre tranquila, estava com uma cara fechada de raiva. Todos menos Aurea, que já parecia melhor:

— Nós o pegamos na prova, isso que ele fez não foi nada, e se vier atrás de nós com certeza vai ter o que merece. Então deixa isso para lá e vamos aproveitar um pouco a noite de hoje. Nos vemos às sete no deck?

Aaron ainda tentou discutir, mas Aurea acenou com o braço como

se não quisesse ouvir, puxando Kvin e reiterando:

– No deck, às sete!

Como não tinham mais o que fazer, e tinham pouco tempo para se arrumarem antes de irem para o deck, Aaron e Gent foram para o quarto.

O gênio estava nervoso mais uma vez. As ameaças do filho do arcebispo pareciam ter surtido efeito. Ele foi o caminho todo até o quarto dizendo que eles estavam perdidos, com aqueles dois grupos os perseguindo, não tinham mais chance.

– Nós mesmo somos um dos grupos mais fortes da prova, Gent, ainda mais se combinarmos os nossos poderes como fizemos nos treinamentos. Com esse seu pensamento, vamos perder antes mesmo de entrar na batalha.

– Aaron, esse garoto e o grupo dele também são extremamente perigosos. Nós temos os dois grupos mais fortes nos perseguindo e você está dizendo que está tudo tranquilo?!

– Eu só estou dizendo que esse pensamento seu não ajuda nem um pouco e que nós também somos um dos grupos mais fortes da prova. Vai dar tudo certo, você vai ver!

– Não sei, estou sentindo que vou me dar muito mal...

– Não vai não. Agora, me tira uma dúvida, o que ele fez com Aurea para doer tanto?

– Nada, só tocou nela.

– Como assim?

– É o poder dele, consegue emitir pulsos elétricos iguais aos emitidos por nosso cérebro quando sentimos dor, ou seja, com um simples toque ele consegue fazer você experimentar qualquer tipo de dor física.

– Mas e o corpo, o que acontece com ele?

– Na verdade nada, ele só irá sentir a dor. Os tendões, ossos, músculos, continuam como estavam, mas a dor pode te levar a loucura.

– Bem que vocês podiam inventar de serem perseguidos por um pessoal mais tranquilo. – Para Aaron, parecia que todos estavam atrás de Gent e Aurea.

– Depois do nosso encontro no estádio eu fiz uma pesquisa sobre quem seria o grupo dele, e adivinha só?

– Todos são extremamente letais.

– Acertou!

– Nosso grupo também é poderoso, você tem que ter mais confiança em nós.

INIMIGOS SE ACUMULAM

Aaron e Gent chegaram ao deck do navio um pouco mais cedo do que haviam combinado com as garotas. O lugar já estava agitado, aparentemente vários grupos haviam tido a mesma ideia que Aurea e estavam sentados em rodas conversando.

Aurea e Kvin chegaram um pouco depois com vestidos leves até os joelhos. O de Aurea era verde com detalhes bordados brancos e combinava perfeitamente com seus cabelos e olhos dourados, já o de Kvin era todo azul, como seus olhos.

Aaron e Gent passaram algum tempo admirando as duas, sem reação:

– Não tem perigo, nós não vamos perder! – Gent parecia estar recuperando um pouco da sua confiança.

Aaron levou todos até o jardim no qual ele havia estado de manhã, mas ao invés de se sentarem na beirada do navio, fizeram uma roda virada para a praça. A conversa estava fluindo tranquila e Aurea já estava se animando para tocar o violão que trouxera, perguntando o que eles iriam querer ouvir, mas Gent parecia preocupado, olhando ao redor a todo momento, como se procurasse por alguém que não queria encontrar.

A filha do general pegou o violão e puxou uma das músicas que Kvin havia proposto. Como a música é uma arte sem barreiras, Aaron também a conhecia e cantou junto. Logo, todos estavam cantando animados e mais pessoas começaram a perguntar se podiam se juntar a roda de música.

O filho do Lobo, então, decidiu pegar o violão e tocar uma das músicas que os pescadores da sua vila tocavam nas noites de bebedeira depois de uma longa semana no mar. E, para sua surpresa, todos o acompanharam.

Aaron estava feliz. Havia feito amigos novos, bons amigos, e estava começando a se sentir à vontade naquele ambiente. Os terríveis elementais não lhe pareciam tão maus de perto, afinal.

Quando ele estava chegando na parte mais animada e alta do refrão e todos já faziam um belo coro, Kracht Kruk, o filho do marechal, entrou na roda com os olhos ensandecidos de raiva, olhando de Aurea para Aaron que continuava a cantar e tocar despreocupadamente até Kracht tomar o violão da sua mão e destruí-lo contra o chão.

– Você me trocou por um merda deste?! – Kracht gritava enquanto olhava fixo para Aurea, que o olhava de volta séria, com uma raiva mal contida. Quando ele fez menção de empurrar Aaron para partir para cima dele, ela segurou seu braço no meio do movimento, se pondo entre o dois antes que uma briga começasse e falou com um desprezo e um nojo na voz que fez Aaron se perguntar como ela conseguia olhar para ele:

– Eu não te troquei por ninguém, eu nunca tive nada com você. Você é um louco, psicopata mimado, se as pessoas soubessem quem realmente é, não conseguiriam nem ficar na sua presença. Na verdade, eu não sei nem como eu estou conseguindo tocá-lo agora sem vomitar tudo que tem no meu estômago. Saia daqui, porque eu não vou deixar você estragar mais uma noite minha sequer. E se nos abordar dessa forma de novo, eu mesma vou garantir que você nunca mais aborde ninguém. – Aurea empurrou o braço dele para

longe e se virou.

Kracht não soube bem como reagir àquela resposta, então passou um tempo gaguejando, até que conseguiu recuperar um pouco do seu raciocínio:

– Vocês estão todos mortos. São pessoas mortas, isso eu garanto!
– Ele se virou e saiu esbarrando nas pessoas que estavam no seu caminho.

Todos ficaram em silêncio no deck, olhando uns para os outros. O único barulho era o cochicho das pessoas que estavam mais afastadas da confusão, até que Aaron falou com animação:

– Alguém tem um violão aí para nos emprestar? – Aos poucos as conversas voltaram e um outro violão foi entregue nas mãos dele. Aaron estava ainda mais impressionado com Aurea. Que mulher incrível, se ela não o deixaria acabar com a noite, não era Aaron que permitiria que o clima pesado estragasse aquele momento. A raiva que crescia dentro dele, contra Kracht, ele guardou em um lugar especial em seu peito, pronto para usá-la em um momento mais oportuno.

– O que vocês acham de recomeçarmos a música? – Alguns gritos de aprovação e ele já estava tocando de novo. A tensão demorou um pouco mais do que o normal para ir embora, mas no final da noite todos já estavam cantando como se nada tivesse acontecido, inclusive Gent, que parecia menos nervoso agora do que antes da confusão. A atitude de Aurea o tranquilizou de algum jeito.

Mesmo assim, Aaron ainda lançou alguns olhares preocupados para Aurea, que parecia não ter esquecido o fato, apesar de se esforçar

para parecer que curtia o momento. Aaron queria fazer algo para que ela sorrisse e esquecesse Kracht, mas estava claro, pela diferença na maneira que ela reagira a abordagem do filho do arcebispo Gruso e a de Krach, que as feridas com o último eram muito sérias e profundas. Ele até tentou mas não conseguiu quebrar o gelo levantado por Aurea por trás da sua máscara de tranquilidade.

Às dez horas da noite o toque de recolher foi dado e todos foram para os seus quartos, afinal, o dia seguinte seria um grande dia, no qual começariam a traçar os seus próprios destinos, no dia seguinte começaria a Prova dos Elementos.

BUSCA POR ALIADOS

Kuma pensara em usar um rosto que deixasse o rei das Ilhas Bárbaras mais confortável em sua presença, ele passara horas montando o rosto perfeito para comparecer àquela reunião: uma pele bronzeada, quase marrom, sobrancelhas grossas, barba e cabelos pretos e cheios, bem aparados, emoldurando um rosto com rugas profundas, de quem tivera uma vida difícil sob o céu escaldante. No entanto, no último momento, ele optara por usar a máscara em si, em sua forma original, aquele que ele considerava ser seu verdadeiro rosto.

A máscara hannya que ele possuía, um Item Mítico conhecido como a Máscara de Noh, fora a grande responsável por todo o sucesso que ele obtivera em seus negócios. Entre uma variedade de habilidades que ela proporcionava a Kuma, a que ele mais usava e gostava era a de transformar seu corpo, em uma cópia de qualquer pessoa que ele já vira na vida, podendo, inclusive, escolher o nariz de um, a pele de outro, o cabelo de um terceiro e assim por diante. Era óbvio o porquê desse ser um grande trunfo no ramo de negócios que ele tomara. No entanto, naquele dia, ele optara por não utilizar o seu artifício favorito, ele pretendia mostrar o seu “Eu” verdadeiro para os aliados que buscava, para formar o novo Exército Negro.

Uma troca intensa de mensagens junto ao Rei das Ilhas Bárbaras, somada a uma quantia significativa em dinheiro, doada para a construção do novo coliseu das ilhas, lhe conseguira uma reunião presencial para que pudessem discutir assuntos mais delicados e,

para isso, o Rei o convidara para as festividades de abertura do novo coliseu.

As Ilhas Bárbaras, que ficavam ao Sul do Império de Taur, banhadas por águas quentes e cristalinas, eram famosas por receber qualquer tipo de pessoa, lhes garantindo anistia e diversão, desde que pudessem pagar e não cometessem nenhum crime nas próprias ilhas. Os cassinos e prostíbulos, femininos e masculinos só eram superados pelos coliseus espalhados pelas ilhas do arquipélago, onde pessoas se enfrentavam até a morte, apostando o que quisessem.

Apesar da aparência desorganizada, as ilhas eram comandadas com mão de ferro pelo Rei, com uma taxa de mortalidade e crimes baixíssimas devido ao policiamento constante e as punições severas. Além disso, a Marinha do país, por sua característica insular, era tida como uma das mais poderosas do mundo, formada por navios oficiais e piratas mercenários, que cometiam seus crimes sob a chancela do Rei. Para Kuma, ter eles do seu lado na guerra que estava por vir era essencial, a Marinha Bárbara faria uma gigantesca diferença atacando o extenso litoral do Império de Taur.

Kuma aportara seu belo veleiro no porto privado do Rei, na ilha principal do arquipélago, conhecida como Leviatã, onde uma pequena comitiva formada por duas mulheres vestidas em roupas leves, que deixavam seus belos corpos praticamente expostos e um homem atlético, vestido de maneira similar, o esperava para levá-lo até o coliseu.

Kuma levou consigo apenas Makoto, a Fúria, deixando o restante da sua equipe no veleiro, para a irritação da sempre inquieta Makoto, que o seguia calada, fumando seu cigarro e suando sob seu terno

perfeitamente cortado, usado sempre que estava de serviço.

A comitiva os levou pelo porto, até o interior das muralhas da capital, Harabel, uma cidade pequena, formada em sua maior parte por grandes casas de alvenaria pintadas em cores vivas, contrastando com as ruas e calçadas de paralelepípedos claros, que cobriam a cidade levemente irregular. Uma multidão cruzava as ruas bebendo e se divertindo, aproveitando as festividades da inauguração do novo coliseu. Felizmente, a comitiva que os guiava, não tomou o caminho das ruas tumultuadas, seguindo direto do porto por cima das muralhas, de onde eles puderam apreciar o mar cor de safira no lado esquerdo e a cidade colorida do seu lado direito. Apesar de pequena, era uma cidade bonita e claramente antiga. Ao longe, como uma joia, resplandecia o coliseu, uma estrutura circular de mais de cinquenta metros de altura, completamente revestida em um mármore perolado, com arcos que se sucediam a cada dez metros na horizontal e se tocavam na vertical.

Era algo bonito de se ver, apesar das barbaridades horrendas que eram cometidas em seu interior para divertimento da população e dos turistas que visitavam as ilhas.

O caminho era relativamente longo, entrando e saindo da muralha à medida que avançavam:

— Vossa majestade pede desculpas pelo transtorno, havíamos separado uma carruagem de leões para levá-los mas passar pela multidão seria quase inviável. Esse caminho é um pouco inconveniente, mas foi infinitamente mais rápido... espero que não tenham se importado com a pequena viagem. – A mulher mais alta do grupo, falou se desculpando, enquanto finalmente entravam por um portão nos

fundos do coliseu, de acesso exclusivo.

Quatro guardas em armaduras completas guardavam aquela entrada, formada por um arco com cerca de cinco metros e uma porta de ferro levantada até quase sumir por dentro da pedra.

— Pelo contrário, foi uma caminhada muitíssimo agradável... uma vista deslumbrante. – Kuma mantinha sua voz macia e agradável, quem a escutava tinha certeza de que por trás da sua máscara estava um sorriso largo e simpático.

Makoto ficou calada, a fumaça subindo do seu cigarro recém-acendido, suas mãos nos bolsos do seu terno, ao lado de sua katana, presa firmemente à sua cintura, sua bainha funcionando também como cinto.

— Fico feliz... Se puderem esperar aqui, verei se vossa majestade está pronto para recebê-los. – Ela indicou uma sala na lateral da entrada, com cadeiras largas de madeira, onde diversas pessoas, das mais diferentes etnias, esperavam pacientemente para ter uma audiência com o Rei. Kuma achava que teria um tratamento especial devido a quantia que doara, mas parecia que teria que esperar na fila com os outros.

Por mais bela que fosse a estrutura do coliseu, ainda estava muito longe do conforto e sofisticação dos estádios do Império de Taur, mas Kuma achava aquilo apropriado, afinal, aquele não era uma espaço para conforto e sofisticação, ali não seria jogado um jogo de criança por atletas pagos em excesso, ali, pessoas lutavam até a morte, por fama, dinheiro, liberdade.

Kuma e Makoto entraram na sala, mas não se sentaram, preferindo

permanecer de pé, enquanto a mais alta das mulheres subia por uma escada no lado oposto, deixando os outros dois da comitiva para vigiá-los. Cerca de duas horas depois, quando só restavam eles na sala, ela retornou os chamando para que a seguissem. Kuma o fez de bom grado, seguido por uma emburrada Makoto.

O Rei, conhecido como Bael, a Estrela da Manhã, os esperava, sem camisa, vestido em uma calça de seda branca folgada, em um trono largo, de pedra clara e aparência desconfortável. Um vão cruzava o encosto, obrigando o rei a se recostar de forma encurvada, apoiando seu queixo em sua mão direita, lhe dando um ar prepotente e desinteressado.

Kuma tomou a frente, fazendo uma pequena reverência com a cabeça, sendo imitado por Makoto, enquanto eram apresentados pela mulher da comitiva. Ao redor do rei, estavam prostrados pelo menos dez guardas, todos alertas e de prontidão para qualquer eventualidade.

— É uma honra finalmente conhecê-lo em pessoa, vossa majestade! Esta é Makoto, meu braço direito em todas as minhas operações.
- Kuma matinha sua voz em um tom agradável e submisso mas foi surpreendido pela resposta que obteve.

— Pode me chamar de Bael, eu não me importo com essa coisa de título, afinal, pelo que eu soube, nasci tão distante da realeza quanto você. – A voz dele era áspera demais, inatural e deixava clara a sua dificuldade em falar, mas refletia muito bem sua aparência. Bael, a Estrela da Manhã, um homem de quase sessenta anos, tinha o lado esquerdo do corpo completamente tomado por cicatrizes de queimadura, inclusive seu rosto e sua cabeça, deixando parte dela descoberta do seu cabelo verde musgo, quase preto, que obrigou

Kuma a passar alguns segundos tentando descobrir se aquela era a cor natural do seu cabelo, sem conseguir chegar a uma conclusão. As cicatrizes não eram o pior, já que o Rei perdera o braço esquerdo antes mesmo do ombro, não tendo sequer os ossos da clavícula. O membro parecia ter sido comido por uma fera gigantesca, já que os sinais de trauma e dilaceramento eram visíveis, mesmo para alguém que nunca tivesse visto um membro decepado, a um ponto que pequenos filetes da parte superior das suas costelas estavam expostos sob a pele vermelha, cicatrizada. Só o fato daquele homem estar vivo já era algo incrível.

Na bainha, presa do lado direito do seu corpo, o que era um pouco confuso já que ele não possuía o seu braço esquerdo, estava a fonte de todo seu poder: a espada conhecida como Raio da Aurora, uma espada de fio duplo, com um cabo ornamentado na forma de uma cruz de ouro, um objeto mais poderoso até do que a própria máscara de Kuma, um objeto classificado como Divino.

— Isso é verdade... – Kuma imediatamente mudou seu timbre de voz, para um tom mais altivo e confiante. Bael não parecia o tipo de homem que gostava de ser bajulado.

— Agradeço por suas contribuições financeiras e lhe convido de braços abertos para aproveitarem as festividades ao meu lado, em meu camarote. No entanto, vamos direto ao assunto, quero resolver isso antes que os combates comecem... Sentem-se, por favor. – O rei indicou as cadeiras que servos haviam posto logo à frente do trono.

Kuma olhou ao redor e não viu mais nenhum convidado, o que significava que o chá de cadeira que haviam levado tinha um bom motivo: o Rei recebera todos os súditos e viajantes, que estavam na

sala de espera, atendendo ou não seus pedidos, de acordo com a sua vontade, e os deixara por último, para que tivesse mais tempo e cabeça para focar no assunto e, caso conseguissem chegar a um entendimento, poderem comemorar sem serem perturbados e sem que o que conversassem ali, fosse ouvido por pessoas indevidas. Além disso, ao deliberadamente dar um chá de cadeira em Kuma, ele reiterara sua posição de vantagem naquela negociação. Independentemente da sua aparência, o homem sabia jogar o jogo da política, afinal, ninguém se mantém por mais de trinta anos no poder em um lugar como aquele, apenas com a força.

— Como discutimos em nossa extensa comunicação, estou aqui para propor uma aliança, em uma guerra que está por vir nos próximos anos.

— Você falou que possuía um trunfo, algo que mudava completamente as peças no tabuleiro, algo que podia reunir e reacender o Exército Negro e todos os seus apoiadores. Do que se trata? — O homem não tinha papas na língua.

— Eu tenho o filho perdido do Lobo comigo, e de bom grado. O garoto herdou os poderes do pai e quer vingança, o que melhor para acender a chama de um povo do que um mártir renascido?

O rei soltou uma risadinha satisfeita, que mais parecia areia sendo esfregada contra o chão.

— Acho que nada... no entanto, se o Exército Negro foi derrotado quinze anos atrás, mesmo com toda sua força, hoje, com os cacos que restaram da organização... vocês seriam esmagados em poucos dias.

— Por isso estou aqui, para obter ajuda externa. Estou disposto a negociar concessões, dividir o território do Império, não só com você Rei Bael, mas com outros aliados também.

— Você comentou sobre isso em suas mensagens, mas não chegou a falar nas especificidades. Vamos Kuma, o que há para mim nisto tudo que valha arriscar a minha posição atual, e quem são os aliados que pretende buscar?

O homem era sucinto e direto, então Kuma não iria florear e conversar, iria direto ao assunto, a chave do bom orador é conhecer sua plateia.

— Caso ganhássemos esta guerra, você teria direito de governar toda a província de Etsedron, banhada por mares similares ao das Ilhas Bárbaras, além do monopólio sobre a exploração de jogos de azar e a liberação de coliseus por todo o Império.

— Mas continuaria subordinado ao Império... – O rei balançou a cabeça, um pouco insatisfeito.

— Você poderia fazer suas próprias leis e governar a província como bem entendesse, sem interferência imperial, só teria que pagar impostos ao Império. Em compensação, você teria acesso irrestrito a todo o mercado do Império, e monopólio sobre os cassinos e coliseus... Sem querer ofender, mas em termos de poder e dinheiro, estaríamos falando em multiplicar em mais de vinte vezes a sua posição atual.

— Quem disse que preciso de mais dinheiro? – O rei o retrucou, se colocando na defensiva, mas Kuma sabia que o tinha fisgado. Ele não precisava de mais dinheiro e talvez nem de mais poder, mas ele precisava de garantias.

– Acima de tudo isso, garantiríamos igualdade de direitos entre elementais e comuns. Você, assim como eu, sabe o que é nascer comum, nascer escravo, nascer como nada mais do que uma ferramenta na mão de falsos deuses. Sejam sinceros, Bael, você acha mesmo que quando morrer seus filhos herdarão o trono deste lugar? Você sabe melhor do que eu que uma guerra civil irá estourar e quem conseguir pôr as mãos na sua espada primeiro ganhará e, pior do que isso, você, assim como eu, já começa ouvir as batidas da sua própria mortalidade a porta, ao longe, mas cada vez mais perto. Infelizmente não temos uma vida prolongada como a dos elementais. Em mais dez ou quinze anos, seu corpo não será mais capaz de brandir essa espada e você sabe o que te espera. Se ganharmos esta guerra contra o Exército Imperial, o novo Império poderá garantir a posição de Rei a você e todos os seus descendentes, disto eu não tenho dúvidas ... – Kuma parou, respirando fundo antes de continuar. – Espero não ter lhe ofendido e se o fiz, peço desculpas, mas falei de coração o que eu penso ser a realidade...

Bael, a Estrela da Manhã, olhava para ele calado, os músculos de um braço feito de um material prateado, semelhante ao metal mercúrio, havia surgido, nascendo do cabo da espada e se conectando ao seu ombro decepado. Kuma sentia o coliseu tremer com a energia que emanava da arma conhecida como Raio da Aurora. Os guardas todos em alerta e armas a postos.

Por um segundo, Kuma pensou que tinha avaliado mal o homem a sua frente e aquilo podia custar sua vida. No entanto, fazia décadas que Kuma não cometia um erro como aquele e sua confiança em si mesmo era total, por isso se manteve calmo. Se o rei não o atacara até agora, era porque estava em dúvida o ego e a razão dentro dele,

travando uma batalha árdua.

— Você não precisa me dar uma resposta hoje, só peço que pense no assunto...

Kuma fez menção de se levantar, mas o Rei desembainhou sua espada, que brilhava intensamente com energia, a apontando para o visitante:

— Sente-se Kuma, você me convenceu. Você terá a mim e as Ilhas Barbaras como aliados, desde que eu tenha poder de veto sobre quem serão os outros a fazer parte desta aliança. – Kuma sentiu Makoto respirar aliviada ao seu lado. – Mas antes de selarmos este acordo, preciso que você tire essa máscara e aperte minha mão olhando em meus olhos.

Desde que Kuma pusera a máscara pela primeira vez, mais de uma década atrás, ele nunca a tirara, nem por um segundo. Aquilo era uma promessa que ele fizera a si mesmo e a própria máscara, afinal, caso ele a tirasse, nunca mais a conseguiria usar, então aquilo estava fora de questão. Ele sabia que o rei não acreditaria e mesmo se acreditasse não importaria, na verdade, provavelmente era aquilo que Bael queria, ele queria que Kuma demonstrasse o quão importante era aquela aliança para ele.

Mas ele não se deixou abalar, ele tinha uma carta na manga, que conseguira ao investigar um pouco a vida do Rei das Ilhas Bárbaras. Um rei sem vícios, não podia se considerar um rei:

— Eu sei que você é um homem que gosta de jogos e que acredita na sorte, então por que não decidimos este impasse desta maneira? Makoto aqui... – Kuma apontou para ela, com um ar casual, que lhe

devolveu um olhar impaciente e entediado - ... contra qualquer pessoa que você escolher, em um evento extra para o seu coliseu. Se Makoto ganhar, nós selamos este acordo sem precisar que eu retire a máscara, se a pessoa que você escolher ganhar, eu tiro a máscara e selamos o acordo. Vale salientar que, caso eu retire a máscara, eu nunca mais poderei usá-la, então acredito ser uma aposta justa.

Bael riu confiante, um sorriso largo se formando em sua boca parcialmente deformada, enquanto ele se levantava de seu trono e esticava sua mão direita para apertar a mão de Kuma.

— Gostei de você Kuma, estou ansioso para olhar para o seu rosto e para pendurar esta máscara em meu palácio.